

HVMANITAS

[Recensão a] SÁNCHEZ, Carmen - Arte y erotismo en el mundo clásico

Autor(es): Jesus, Carlos A. Martins de
Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/28135>
Accessed : 22-Sep-2019 04:31:38

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



SÁNCHEZ, Carmen: *Arte y erotismo en el mundo clásico* (Madrid, Ediciones Siruela, 2005) 136 p. ISBN 84-7844-902-7.

A primeira impressão de quem pega no livro de Carmen Sánchez é a de ter na mão um manual, um livrinho de bolso, tantas vezes sinónimo de fraca qualidade – regra que, de facto, não se aplica ao presente caso. A sua leitura, para já não falar da simples visão das imagens que o integram, resultará inevitavelmente num prazer revelador de dados contrários aos que tínhamos como certos.

A autora começa por apresentar o seu estudo na Introdução, partindo do pressuposto de que, para os Antigos, Eros e Afrodite são divindades que dominam todo o universo; eles garantem a vida e também a morte, a sucessão das gerações e a própria renovação da raça dos homens, que sem eles se extinguiria. Porque a cultura grega ficou conhecida como a inventora do nu público, aí temos uma razão suficiente para a presente monografia. Deixa-se ainda claro que o livro que se vai ler não versa, em primeira análise, a literatura, antes a arte na sua dimensão pictórica. Estão em causa, portanto, a pintura e a escultura, nas suas diversas modalidades. De facto, é perceptível pela leitura como a literatura surge apenas como auxiliar das teses desenvolvidas a partir da análise das representações pictóricas.

Um primeiro capítulo visa a análise das representações greco-romanas do corpo nu. O nu masculino era tido, pelos gregos em especial, como algo natural – e não esqueçamos que os atletas praticavam desporto despidos – enquanto que o nu feminino era algo do âmbito privado, doméstico, mais propício à ocultação. Enquanto o corpo masculino é visto pelos Antigos como a naturalidade, o feminino é por definição o artifício, o adorno, a fonte de todos os males (como Pandora). Mais, fica patente como o nu feminino é bastante mais tardio, sendo que tem início com as estátuas de Cípris com o chamado “efeito molhado”. Despir as vestes era sinónimo de despir o pudor, a vergonha, e não faltam histórias em que a contemplação de uma mulher nua atraiu a desgraça (Candaules, Ácteon, Tirésias). Homens como mulheres são representados com os órgãos genitais francamente reduzidos, símbolo de uma pureza sexual própria da infância, em corpos marcadamente adultos. Genitais avantajados ou cobertos de pelos, isso é apanágio de sátiros e prostitutas, não de seres socialmente inseridos. Com o passar do tempo, a representação do nu feminino em estátuas passa a ser praticamente exclusivo da deusa Afrodite.

Ocupa-se o segundo capítulo do livro das conotações sobrenaturais, religiosas e mágicas do erotismo pictórico: uma expressão ligada à fertilidade, por conseguinte à vida e à morte. Desde as paisagens eróticas mais comuns (os prados verdejantes e odoríferos, repletos de flores, onde passeiam e se relacionam sexualmente divindades, ninfas e sátiros), um espaço bucólico coroado de frutos diversos – de entre os quais a cultura hebraica escolheria a maçã (o pomo da

discórdia) como símbolo de pecado – até aos mitos associados a rituais de fertilidade (como o de Adónis), o mundo clássico era animado por ventos de erotismo que traziam uma forte carga de magia. Bem assim o falo era símbolo da força germinativa da natureza e de todo o *kosmos*, pelo que por todo o mundo greco-romano surgiram estátuas e estatuetas que, tocadas ou simplesmente transportadas como amuletos contra o mau-olhado, constituíam o quotidiano natural dos habitantes da Antiguidade. Ou seja, contrariamente ao que se pensa quando se olham as inúmeras representações fálicas erectas, o órgão sexual masculino era mais do que um propiciador de orgias em banquetes (podia, de facto, sê-lo), transformando-se desde cedo num amuleto confiado até a crianças. No seguimento disso, sátiros, silenos e faunos, com os seus *phaloi* erectos, são símbolos da incontinência sexual, seres que integram os cortejos de Díónisos (o *thiasos*) mas quem curiosamente, não ostentam a sua incontinência quando representados na presença do deus. Isto porque Díónisos é ao mesmo tempo fonte de moderação e de desmesura, de prazer e de desgraça. Como o vinho, pode ser um bálsamo ou uma terrível ressaca. Apetece citar a autora quando, concluindo este capítulo, diz (na nossa tradução) que “não é correcto imaginar um mundo hedonista e pagão, abrasado pela sua concupiscência, povoado por gentes sem freio e sem regras no seu comportamento sexual. O que é certo é que a contínua exibição de objectos eróticos converte estas imagens em algo quotidiano e familiar.” (p. 71)

O terceiro e último capítulo ocupa-se do que, de forma tão global, é designado como *ars erotica*. Abre com o delicioso convite ao leitor para que, antes da leitura, se limite a olhar para as imagens que o integram, procurando retirar algumas conclusões óbvias. As mulheres e o amor é o primeiro assunto alvo da atenção de C. Sánchez; as mulheres que ocupam o espaço privado da sociedade, as mulheres que na Grécia são tomadas essencialmente como objectos sexuais e que, em Roma, ganham algum poder na relação. Quanto ao lesbianismo, tradicionalmente associado ao círculo de Safo, refere-se como ele não foi muito apreciado pelos artistas antigos. Já a homossexualidade entre homens nos legou algumas das mais belas representações pictóricas da Antiguidade. Conclui a autora pela naturalidade deste tipo de relações, sendo que o que estava em causa era a adopção de uma postura activa ou passiva no acto sexual; só a última era motivo de vergonha para o varão que se envolvesse com um outro do mesmo sexo. É neste sentido do poder sexual que se compreende então a predilecção dos gregos por jovens rapazes, em todo o vigor da sua adolescência, bem como a legitimidade que os romanos conferiam ao exercício da homossexualidade entre homens, desde que um deles (o passivo) não fosse de condição livre; a sê-lo, seria para ele tal acto um motivo de vergonha. É ainda notado um pormenor curioso: entre homens, no global, o encontro sexual é representado como ocorrendo de frente, *olhos nos olhos*; já em relações heterossexuais, não raras vezes a mulher, qual cerva, é possuída de costas, sem ver o macho que a penetra ou que a força ao

coito. A violência associada ao sexo não é pois algo admissível entre homens, a não ser que um deles seja escravo.

Cumpra perguntar, em jeito de conclusão, até que ponto constituem as representações analisadas ao longo do livro o retrato do quotidiano antigo. A esta questão, responde a autora de forma meritória: os gregos e romanos acompanharam toda a arte erótica ou mesmo obscena com o riso. Isto porque “entenderam que o erotismo, como o humor, são produtos exclusivos da mente humana.” (p. 130).

Cármen Sánchez, como este seu *livrinho*, prestou sem dúvida um auxílio inestimável aos estudiosos da arte e da literatura antigas de índole erótica, procurando desmistificar a imagem de pura devassidão que muitos insistem em manter em relação ao mundo greco-romano. Num livro de leitura agradável – e bastante agradável à vista, onde faltam apenas a cor e um índice remissivo de autores antigos e de ilustrações, é enfim possível aprofundar conhecimentos, suscitar questões e contrariar falsidades que até então tínhamos como certas.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

SOARES, Nair de Nazaré Castro: *Teatro Clássico no século XVI. A Castro de António Ferreira. Fontes – Originalidade* (Coimbra, Livraria Almedina, 1996) 252 p. ISBN 97-2400-917-3.

Resultado da investigação da autora ao longo de cerca de duas décadas, este livro integra estudos inéditos e estudos refundidos, que nem por isso são desprovidos de unidade. Têm em comum o estudo da especificidade do género trágico no século XVI e têm de singularíssimo, no seu conjunto, o facto de a autora dominar tão bem as fontes portuguesas como as fontes neolatinas.

Efectivamente, duas tragédias constituem o *corpus* essencial deste conjunto de estudos sobre teatro clássico em Portugal no século XVI: a *Ioannes Princeps* de Diogo de Teive e a *Castro* de António Ferreira, duas obras-primas da literatura dramática quinhentista, ambas de temática histórica nacional. Por isso, a abrir o volume, temos um estudo sobre a “*Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive e a concepção da *Castro* de António Ferreira”, em que a autora nos aproxima da dinâmica de intertextualidade que se verifica entre aquelas duas peças. O intercâmbio cultural existente entre os colégios universitários europeus e o ambiente académico de Coimbra ganhava assim um papel de relevo nas origens e evolução da nossa arte dramática. Nair Castro Soares sustenta, portanto, a tese de que a